

A Teologia Cristã e seu diálogo interdisciplinar com a(s) ciência(s) da religião.

The Christian Theology and its interdisciplinary dialogue with
the science(s) of religion.

Antonio Marcos Chagas¹

Resumo: As Ciências da Religião e a Teologia são ciências distintas, mas que têm a religião como tema comum. As Ciências da Religião abordam este tema no seu aspecto fenomênico e seu pesquisador é o cientista da religião. O conteúdo abordado envolve um corpo doutrinal, ritos, ética e uma comunidade. A Teologia, cujo pesquisador é o teólogo, reflete sobre uma fé, cujo conteúdo é sistematizado por um corpo doutrinal e tutelado por uma autoridade que garante sua ortodoxia, é direcionado por princípios morais tabulados em princípios e leis, celebrado por um culto específico manifesto nos símbolos e ritos de uma liturgia e costumes, assim transmitido por tradições assimiladas. As duas ciências possuem um forte potencial de compartilhar conhecimentos e experiências, na perspectiva de

Recebido em: 22 de jun. de 2023

Aceito em: 13 de set. de 2023

¹ Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (UMINHO), em Braga, Portugal, e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro-RJ, em regime de cotutela. Pós-doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia Salesiana (UPS), em Roma, Itália. Especialista em Ensino Religioso pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Bacharel em Teologia na Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), em Fortaleza, CE. Bacharel em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia Salesiana (UPS). Professor dos cursos de Teologia e Filosofia no Centro Universitário Católica (Unicatólica), em Quixadá, CE, Brasil.

compreender, com as possibilidades da interdisciplinaridade, a Religião, cujo elemento comum é a relação pessoal e comunitária com a divindade, que dinamiza e dá sentido à experiência com o Transcendente, objeto de interesse deste *homo religiosus*, o qual é permanentemente convocado pelo apelo por tudo quanto dá sentido e valor à sua existência. A resposta a este apelo se expressa na invocação, no projeto de vida e na abertura ao outro e aos outros.

Palavras-chave: Teologia; Ciências da Religião; Interdisciplinaridade.

Abstract: The Sciences of Religion and Theology are different sciences, but they have religion as a common theme. The Sciences of Religion approach this theme in its phenomenal aspect and its researcher is the scientist of religion. The content addressed involves a doctrinal body, rites, ethics and a community. Theology, whose researcher is the theologian, reflects on a faith, whose content is systematized by a doctrinal body and tutored by an authority that guarantees its orthodoxy, is guided by moral principles tabulated in principles and laws, celebrated by a specific cult manifested in the symbols and rites of a liturgy and customs, thus transmitted by assimilated traditions. The two sciences have a strong potential for sharing knowledge and experiences, from the perspective of understanding, with the possibilities of interdisciplinary, Religion, whose common element is the personal and community relationship with the divinity, which dynamizes and gives meaning to the experience with the Transcendent, object of interest of this *homo religiosus*, which is permanently summoned by the appeal for everything that gives meaning and value to its existence. The answer to this appeal is expressed in the invocation, in the life project and in the openness to the Other and to others

Keywords: Theology; Sciences of Religion; Interdisciplinary.

Introdução

Ciências da Religião e Teologia são duas ciências distintas, mas com fortes conexões, pois ambas abordam uma temática comum: a Religião. As perspectivas são diversas, mas podem ser complementares e interativas. Uma vez que cada ciência tem seu próprio estatuto epistemológico, com seu respectivo objeto de pesquisa e sua metodologia, é possível colher a diferença entre ambas. Com efeito, esta compreensão foi construída gradativamente e nem sempre esteve isenta de conflitos. Os primórdios de uma Teologia que gozava de uma superioridade hierárquica ante as demais ciências remetem a esse itinerário acidentado. A confusão de papéis e de identidades é sempre uma deturpação que inutiliza os esforços de uma ciência e esteriliza seus frutos em prol do conhecimento mais técnico e fundamentado. Superados esses óbices, vem à baila uma nova postura que prima pelo princípio da mútua colaboração. Ante as dimensões imbricadas dos potenciais colaborativos, parece necessária e auspiciosa tal parceria interdisciplinar. Ocorre também entendê-la adequadamente.

Propõe-se, no presente estudo, expor, separadamente em breves capítulos, a identidade tanto da Teologia quanto da Ciência da Religião, para, na sequência, expor as possibilidades de colaboração entre ambas, sobretudo tendo em vista ilustrar um elemento que lhes é comum: a Religião. A interdisciplinaridade constitui, de fato, um grande potencial de possibilidades para ampliar o estudo hermenêutico entre estas ciências afins, tendo em vista oferecer um aparato multifacetado de saberes e conhecimentos sobre esta temática tão essencial para uma compreensão da religião, algo intrínseco ao ser humano, cuja abertura ao transcendente, oferece um vasto leque de elementos tais como valores, convicções, comportamentos, sensibilidades, horizontes de sentido e visões de mundo. Tudo isso impacta não somente os indivíduos, como também sociedades e nações.

Os autores consultados darão o substrato do conteúdo deste artigo. De não somenos importância é o papel dos atores e protagonistas destas análises, a saber, os cientistas de cada uma destas ciências: o teólogo e o cientista da religião; cada qual um pesquisador no âmbito de sua competência científica e comprometidos em dialogar e a protagonizar a construção de parâmetros interdisciplinares. A natureza desta pesquisa é de revisão bibliográfica e o que se seguirá constitui uma tentativa de melhor entendimento deste diálogo entre estes interlocutores em partilhar suas riquezas de entendimento de um tema tão humano e “divinamente” denso de significados.

1. A Teologia: a identidade de uma ciência

A partir de sua significação etimológica, a Teologia propõe suas bases identitárias enquanto “ciência de Deus” ou discurso sobre Deus. Clodovis Boff² assegura que Deus pode ser encontrado tanto no olhar do teólogo como no cenário que a teologia consegue descortinar. Deus, olhando para Si e falando de Si mesmo, comunica-se, dando-se a conhecer no processo da Revelação acolhido pela fé do crente. Trata-se de um conhecimento de fé sobre Deus que mobiliza o intelecto que da cultura extrai o instrumental cognitivo expresso na língua, no alfabeto, na literatura, nos costumes, nas visões de mundo etc. Esta atividade intelectual, tornada mais específica, é aceita e aplicada na sua plena autonomia. Sendo uma sabedoria divina, a Teologia está enraizada na graça da Revelação e no dom divino para considerar, de forma sistemática e no rigor do método, as verdades fundamentais dos textos sagrados e inspirados, como também da tradição de cada Religião. A análise se realiza mediante a razão humana que, em um processo contínuo, verifica os conteúdos da fé e os comunica. Tal ação é realizada pelos teólogos e pela Comunidade Eclesial. A Teologia reflete e aprofunda sistematicamente a Revelação de Deus, que dá a conhecer a sua identidade e o seu querer para todos quantos o aderem pela fé. Os processos dessa revelação, registrados em cada religião, se dão por meio de uma divindade que toma a iniciativa em dar-se a conhecer a um ou mais interlocutores humanos, os quais transmitem aos demais o que receberam. Os crentes aderem esta fé que se torna um parâmetro de verdade doutrinal e de liceidade comportamental. Estes, por sua vez, se dispõem a transmitir estes grandes valores de fé e de costumes.

Não se sabe propriamente “o que é” Deus, em sua substância e essência. O teólogo não recorre ao uso de uma definição, mas ao efeito, à obra de Deus tanto na ordem da natureza quanto da graça. A demonstração da causa se dá a partir do efeito. Frise-se que em Teologia todas as coisas são compreendidas em Deus e não são partes, espécies e acidentes de Deus, ou seja referem-se a Ele sem se confundir com Ele. No-lo confirmam Libânio e Murad: “[...] a teologia trata de Deus, mas mediado pela fé, pela acolhida de sua Palavra, que, por sua vez, nos vem comunicada pela Revelação transmitida na Igreja – escrita, vivida, pregada, celebrada,

² BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Versão didática. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 46.

testemunhada”³. Santo Tomás de Aquino ratifica este argumento: “Ora, na doutrina sagrada, tudo é tratado sob a razão de Deus, ou porque se trata do próprio Deus ou de algo que se refere como a seu princípio ou a seu fim.”⁴.

A verdade teológica refere-se a um objeto formal que é a fé, a um sujeito que é Deus e a um objeto material que são as coisas enquanto se referem a Deus. A fé, dom gratuito, é a adesão a Ele que se revela e, por conseguinte, é fonte, objeto e fim da teologia.

Sobre a verdade nuclear do papel ativo e central de Deus na Teologia, ocorre frisar que Ele é sujeito, eis o tema de fundo, de modo que tudo mais na reflexão teológica é objeto.

Dentre os elementos da fé, podem ser citados o cognitivo, que aborda a fé na sua relação com a Palavra, o afetivo-volitivo, que associa a fé com a experiência, e o aspecto ativo, que envolve a fé com a prática. A Teologia, é, portanto, parte da fé, um ato de fé, é a fé em estado de ciência. A fé precede a Teologia, tem primado absoluto sobre ela, pois a fé constitui a condição de possibilidade para se fazer Teologia. Teologar significa refletir sobre a fé, mas dentro da dinâmica metódica e, por conseguinte, crítica para verificar os conteúdos, pressupostos e meios, definindo pontos de partida e referência. Sem a teologização da fé, a comunidade eclesial poderá tornar anacrônico o discurso sobre a fé, ainda mais tendo presente o contexto hodierno, imbuído de inovação e pluralismo cultural. Vem à baila o risco de asfixia por falta de inteligência e de diálogo em torno do essencial, na sua integralidade e no seu entrosamento harmonioso de dados basilares. Em torno do essencial é preciso fazer surgir, crescer e circular em todos os recantos da Igreja a oxigenação de uma Teologia saudável e renovadora.

A Teologia, conservando o depósito da fé, sua base indispensável, avança em suas investigações através de novos enfoques, ou seja, novas perspectivas, não na abordagem de meros temas. A “ciência de Deus”, em articulação dialética, lida com realidades que são distintas, mas se complementam: história e Palavra; o histórico e o transcendente; os momentos e a Revelação. Estas categorias dão as coordenadas para que a Teologia desenvolva sua tarefa, de cunho eminentemente hermenêutico a respeito da divina Revelação. Para tanto, a consciência crítica sobre a práxis eclesial e histórica (com suas mediações espaciotemporais), permite, à luz da Palavra divina revelada, perscrutar a complexidade, a

³ LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à Teologia*. Perfil, Enfoques, Tarefas, São Paulo: Loyola, 2014, p. 61.

⁴ *Suma Teológica* I, q. 21, a.3.

riqueza e a inquietação presentes na existência humana. Sesboüé⁵ é do parecer que a teologia não é menos uma ciência do homem por ser a ciência do homem falando de Deus e da relação do homem com Deus. Trata-se de uma fé no dado revelado que se desdobrou na história humana, mediante eventos e ensinamentos compilados em livros, ou seja, não se reduz a uma “revelação cósmica” onde da criação se possa chegar a um Criador.

Há que se entender a Teologia enquanto busca e serviço da verdade, resguardando a provisoriedade das conclusões colhidas em suas investigações no seu mister de operacionalizar a reflexão a fim de propor as luzes hauridas da revelação divina para direcionar a fé nas suas relações com os problemas de cada tempo. Aspectos essenciais e imutáveis são interpelados diuturnamente a se atualizarem nas respostas de fé que brotam da ação de Deus na história. Bruno Forte redimensiona o papel da Teologia de uma forma mais adequada às mentalidades e sensibilidades do tempo atual: “Desta teologia se requer que fale de Deus como serva humilde e não como senhora, que tenda a ele como peregrina rumo à luz, guiada pela estrela da redenção aparecida na noite do tempo, sem seduções de completude e de posse.”⁶

A força da verdade, em sua capacidade unificante, gera liberdade genuína, afasta o isolamento e abre o caminho para Deus. A superação do isolamento é condição de possibilidade para que a ciência teológica se abra para os novos desafios e chances inusitadas ao fomentar um diálogo franco e interpelante com as demais ciências:

[A Teologia utiliza] modelos e paradigmas para entender o seu objeto central, a saber, a autocomunicação de Deus na história em ações e palavras. Tem o mesmo estatuto epistemológico no sentido de aproximar-se da revelação de Deus com categorias, matrizes, paradigmas interpretativos hauridos da filosofia e das ciências humanas. (...). [Tendo presente o que foi dito], resulta claro que a teologia cumpre determinadas funções de ciência, mas que também não responde a outras. Diz-se ciência de maneira original. [...]. Uma vez aceita a pluralidade dos jogos linguísticos, dos diversos saberes, das diferentes maneiras de conduzir o

⁵ SESBOÜÉ, B. *Introdução à Teologia*. História e inteligência do dogma. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 88.

⁶ FORTE, B. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. Introdução ao sentido e ao método da teologia como história. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 26.

próprio método, de pautar seu rigor teórico e de fazer parte de uma comunidade científica como expressão moderna de ciência, a teologia faz-lhe pleno jus.⁷

A verdade teológica, evento de liberdade, está imbuída de significados, é capaz de exprimir e encaminhar o sentido daquilo que narra, rumo a um horizonte existencial particular. Um dos fatores mais comuns, no mundo da cultura e da ciência, é que “ao invés de fechar-se no seu pequeno círculo da própria disciplina científica, o pesquisador, o cientista alarga os horizontes da própria curiosidade intelectual e colhe informações de outras disciplinas.”⁸

Além de ser uma ciência que pode e deve iluminar a realidade, em sua facticidade, a Teologia deve ser por ela interpelada e impactada; ademais, ela não se compreende mais como ciência isolada. Ante a complexidade de cenários e suas plurais manifestações, há que haver um diálogo interdisciplinar. Ademais, cabe ao teólogo compreender as dinâmicas históricas presentes, nas suas dimensões antropológica, filosófica, social, cultural, econômica, política e os desdobramentos de tais dimensões na vida da pessoa humana contextualmente inserida. A produção teológica não pode perder a ligação e a compreensão mais profunda dos fatos, acontecimentos, captados através de notícias. Daí surge o cuidado atento a respeito das fontes a serem escolhidas criteriosamente, de modo a precaver-se de notícias distorcidas, tendenciosas, falaciosas, sujeitas a ranços ideológicos que a podem desfigurar.⁹

2. A identidade da(s) Ciência(s) da Religião

⁷ LIBÂNIO; MURAD, 2014, p. 86-87.

⁸ GROPPPO, G. *Teologia dell'educazione*. Origine, identità, compiti, Roma: LAS, 1991, p. 318.

⁹ Ao se referir à necessidade de uma nova compreensão e operacionalização da Teologia, Groppo expressa algumas atitudes que são necessárias para tal finalidade: “Renúncia à presunção de ser um tipo de saber superior ou excluído da contingência cultural; aceitação da sua historicidade; reconhecimento sincero do fenômeno da secularização com todas as consequências que ele comporta; consciência sempre mais clara da necessidade do uso das ciências humanas para uma compreensão mais adequada e condizente dos problemas contemporâneos relativos ao conteúdo da fé”. GROPPPO, G. *Teologia dell'educazione*. Origine, identità, compiti, Roma: LAS, 1991, p. 322.

A Ciência da Religião, conforme Marcelo Camurça¹⁰, foi uma expressão usada na segunda metade do século XIX para distinguir a emancipação das Ciências Humanas com relação à Filosofia e Teologia no tratamento dos fenômenos religiosos e das compreensões a respeito do ser. Os autores Filoramo e Prandi¹¹ informam que as Ciências da Religião nasceram no ambiente das escolas de Teologia devido às preocupações de teólogos que se utilizavam dos métodos da História e da Filologia com vistas ao exame das religiões “orientais” extintas, em função de compará-las com o cristianismo, sendo este o centro das preocupações e princípio natural de verdade religiosa inquestionável. Dreher defende uma Ciência da Religião “como disciplina com forte base na investigação histórico-filológica e na descrição tipológico-fenomenológica.”¹²

Joachim Wach deu uma impostação plural deste estudo das religiões em prol de perquirir a religião a partir de “uma abordagem articulada entre as ciências humanas para o fenômeno religioso.”¹³ Segundo ele, o “objetivo geral da ciência da religião é estudar sistematicamente e empiricamente as religiões de todos os tempos e lugares”¹⁴. Esse autor entende pesquisar o fenômeno religioso tanto numa vertente focada na fenomenologia, psicologia e psiquiatria e outra na objetivação religiosa substantivada nos rituais, doutrinas e organizações religiosas que seriam estudadas pela Sociologia, Antropologia e História.

É formulação de Filoramo e Prandi¹⁵ que para se acercar do tema da religião, inexistente um estado puro, haja vista que as várias ciências humanas operacionalizam uma análise específica e as situam no entrelaçamento de sua dimensão estrutural e lógica permanente com os contextos históricos/sociais. Ademais, conforme Joachim Wach¹⁶, a ciência da religião deve investigar o desenvolvimento da religião, de modo que a palavra “desenvolvimento” deverá ser entendida no sentido de reconstrução do curso e desenvolvimento histórico de uma religião. O que mais

¹⁰ CAMURÇA, M. *Ciências Sociais e Ciências da Religião*. Polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008 p. 20-22.

¹¹ FIROLAMO, G.; PRANDI, C. *As ciências da religião*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 9-10.

¹² DREHER, L. H. Ciência(s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, F. (Org.) *A(s) ciência(s) da religião no Brasil*: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 173.

¹³ CAMURÇA, 2008, p. 21.

¹⁴ WACH, J. E. A. F. Os ramos da Ciência da Religião. *REVER*, v. 18, n. 2 mai/ago 2018, p. 233-253.

¹⁵ FIROLAMO; PRANDI, 1999, p. 9-10.

¹⁶ WACH, 2018, p. 233-253.

interessa ao cientista da religião, é, por conseguinte, constatar o “se tornar” das religiões e não a evolução em si da religião. Este sociólogo alemão vai além ao especificar em que consiste esta evolução da religião enquanto uma realidade viva: “É precisamente a ascensão e a queda, o florescimento e o desvanecimento das aparências temporais e empíricas o que é mais importante para a ciência empírica da religião.”¹⁷

Greschat,¹⁸ seguindo esta mesma linha de compreensão assevera que, exatamente por serem realidades vivas, as religiões mudam incessantemente. Algumas vezes as mudanças permanecem ocultas até que tais mudanças venham à tona. Esta vitalidade das religiões encontra seu substrato nas tradições recebidas como herança de um passado portador de respostas antigas. Os fiéis, no entanto, vivem em um presente, portador de perquirições modernas. E os teólogos contemporâneos são gestores desta herança com suas argumentações de eras pretéritas e as indagações hodiernas. O que mantém vivas as religiões é justamente o equilíbrio entre um passado e um presente. Aquele portador de um núcleo duro que é acolhido pelas gerações de crentes que se sucedem no tempo. Este é portador das pressões por mudança.

Hans-Jürgen Greschat defende que os cientistas da religião se ocupam de uma religião que não necessariamente seja a sua, não prestam serviço a uma Instituição religiosa específica, são autônomos no sentido de não terem uma instância superior que verifique a ortodoxia de suas pesquisas. Seu objeto de pesquisa pode variar bem mais que o do teólogo, pois todas as religiões podem ser objeto de tal investigação. O que se exige do cientista da religião é competência, pois algumas pesquisas exigirão, por exemplo, o conhecimento de alguma língua específica ou mesmo um bom conhecimento de alguns aspectos culturais inerentes àquela prática religiosa. Arremata ainda o professor de História da Religião a respeito de um importante critério metodológico de pesquisa: “Os fiéis de uma determinada crença é que vão informar se entendemos adequadamente uma fé alheia. Consultar adeptos de uma religião pesquisada é um teste de segurança que permite diferenciar descrições válidas e não válidas do ponto de vista da história da religião”¹⁹.

¹⁷ WACH, 2018, p. 233-253.

¹⁸ GRESCHAT, H. J. *O que é Ciência da Religião*, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 27.

¹⁹ GRESCHAT, 2005, p. 157.

Susin,²⁰ é do parecer que a cientificidade do estudo da religião é o constitutivo de uma disciplina empírica, como é o caso das Ciências da Religião, de tal modo que, enquanto fenômeno, a religião é analisada de forma sistemática em todas as suas formas de se manifestar. Por isso, o cientista da religião abraçará o ideal da máxima neutralidade com relação a todos os objetos de seu estudo. Não está em jogo a verdade ou a qualidade de uma determinada religião pois seu estudo não porá isso em questão dentre as razões epistemológicas. O fato é que não se tem parâmetros para isso. Os sistemas de sentido que são idênticos quanto à forma das religiões constituem o princípio metateórico que tipifica este campo do saber.

Esta afirmação de Susin que define o objeto da Ciência da Religião o qual abarca todas as manifestações que uma religião pode ter, é mais detalhado por Greschat²¹, quando este assevera algo sobre o objeto “religião” o qual é concreto em uma totalidade passível de investigação. Assim, este autor apresenta quatro perspectivas para compreender tal objeto de estudo, a saber: a religião enquanto comunidade, como um sistema de atos, enquanto conjunto de doutrinas e como sedimentação de experiências.

Detalhando tais perspectivas, esse autor²² informa que enquanto realidade comunitária, a religião nos dá a tônica de uma organização demarcada por fronteiras, determinando os critérios de pertença de seus membros. Frise-se que a meta de cada religião é o aumento dos seus adeptos.

O sistema de atos é de grande relevância para as religiões, pois a celebração da própria fé mediante os ritos dá uma tônica identitária de sua dimensão transcendente.

A terceira camada é a doutrina, normalmente colhida de uma “revelação” oriunda de uma divindade ou de um alguém “iluminado”, onde o conteúdo desta “revelação” é expresso em palavras caracterizadas pela equivocidade das metáforas, paradoxos inerentes aos elementos míticos. A hermenêutica destas palavras é feita através da intuição de alguns especialistas ou autoridades credenciadas para tal, mais que pelos ditames da filologia.

Por fim, a última camada, a experiência religiosa constitui a força vital de uma Religião a qual é proporcional à intensidade da vivência da verdade crida por parte dos fiéis, de modo que, se estes não conseguem experimentá-la, mais vulnerável se torna a fé. Por

²⁰ SUSIN, L. C. O estatuto epistemológico da teologia como ciência da fé e a sua responsabilidade pública no âmbito das ciências e da sociedade pluralista. *TeoComunicação*, v. 36, n. 153, p. 557-560.

²¹ GRESCHAT, 2005, p. p. 25.

²² GRESCHAT, 2005, p. 25-26.

consequente, mais que a descrição de uma doutrina, a força motriz de uma religião está na capacidade de experimentar a fé professada, sem fazer uso de muitas palavras.

Irineu Wilges²³ lista os elementos constitutivos da religião: doutrina, ritos, ética, comunidade e relação indivíduo-divindade. De fato, um corpo doutrinal é fator substantivo de uma fé, os ritos dizem respeito à dimensão celebrativa do que se crê; a ética norteia os valores a serem assumidos na existência; a comunidade forja o grupo de pertença e permite o compartilhamento da mesma crença; a relação pessoal com a divindade é o elemento dinamizador e doador de sentido dos demais.

3. Distinção e parceria interdisciplinar entre Teologia e Ciência da Religião

Antes de tudo, convém frisar que o diálogo entre as ciências é uma riqueza por ampliar sobremaneira o raio de compreensão de uma mesma realidade, haurida das multiformes visões que cada ciência é capaz de oferecer a respeito de um tema. Ante as possibilidades oferecidas por uma alargada e penetrante abordagem e compreensão da realidade, o modelo interdisciplinar exige um diálogo que, a seu turno, supõe a possibilidade de uma ciência fazer uso de algumas construções mentais, próprias de outra ciência sem dever-lhes transformar. Ocorre, portanto, respeitar-lhes o estatuto epistemológico, ou seja, a identidade de cada ciência, seu objeto de estudo, bem como seu método de pesquisa. Com grande proveito, a unificação (que não quer dizer a confusão ou fusão) do saber, no seu limite de formas e naturezas, se articula na variedade das ciências. Tal colaboração objetiva a descoberta de soluções razoáveis para estes mesmos problemas. Logo, um uso mais frequente da interdisciplinaridade se impõe hoje como uma necessidade em função da complexidade do vasto campo cultural da sociedade hodierna, enfim marcada por rápidas e contínuas metamorfoses.

Teologia e Ciências da Religião sempre foram muito próximas e, por isso mesmo, sujeitas a equívocos ou confusões identitárias. A diferença das abordagens é riqueza e complementaridade para entender com mais amplitude a religião, princípio que dá sentido ao fato que o objeto de investigação de cada uma delas é distinto, ainda que lidem com a realidade religiosa. Dreher²⁴ sugere que as iniciativas eclesiais foram de grande importância para o surgimento de programas em Ciências da Religião, o que, a partir de pessoas da

²³ WILGES, I. *Cultura Religiosa: as religiões no mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 15-16.

²⁴ DREHER, 2001, p. 169.

Igreja, se registra um compromisso implícito com uma compreensão efetiva a respeito da Religião.

Em vista disso, uma abordagem, resumida e consistente, da distinção entre ambas se faz necessária.

A Teologia “é um saber, cuja racionalidade depende da experiência da fé, no âmbito da tradição de uma comunidade de pertença.”²⁵ A Ciência da Religião tem como objeto a “religião” enquanto fenômeno e envolve as ciências que permitam colher elementos hermenêuticos sobre o fato que se constata, sem o pré-requisito da fé.²⁶

Hans-Jürgen Greschat afirma: “Os teólogos são especialistas religiosos. Os cientistas da religião são especialistas em religião.”²⁷ Segundo ele, a distinção de identidades entre teólogos e cientistas da religião se explicita no foco da investigação. À medida que se delineiam com mais nitidez, esses traços trazem à baila especificidades e tipificam-se as diferenças. Os teólogos investigam a religião à qual pertencem, buscam enriquecer a própria tradição religiosa, sob a égide de uma fé que a alicerça e orienta; ademais, sua própria religião está no centro de seu interesse. Essa pertença a uma instituição com doutrina, pastores que encabeçam tal instituição com sua hierarquia geram uma dependência do teólogo a uma instância superior. Os teólogos prestam um serviço institucional. Não lhes cabe aprofundar-se no conhecimento e estudo de outras religiões, de modo que seu objeto de estudo é bem delimitado. Uma fé específica é o ponto de referência necessário para o teólogo averiguar as realidades várias, também no que tange às demais religiões. Esse critério de abordagem suscita parâmetros para perceber o quanto as pessoas estão perto ou longe da verdade professada, bem como o classificar algumas crenças como “magia”, “animismo”, “politeísmo”, ou algumas Igrejas como “seitas” ou abordagens similares. Em vista da profissão de uma fé específica, com seu respectivo quadro doutrinal, o “verdadeiro” ou o “falso”, ou mesmo tudo quanto for parcialmente lícito ou ilícito, tem nesse quadro doutrinal sua referência obrigatória.

Esse autor alemão²⁸ esclarece que o cientista da religião investiga o objeto de sua pesquisa de forma diferenciada de quem observa a religião de forma casual, pontual ou superficial, restringindo-se a emitir opiniões pessoais, como também juízos de valor a partir de suas convicções pessoais. Difere, inclusive, de

²⁵ SUSIN, 2006, p. 557.

²⁶ SUSIN, 2006, p. 558.

²⁷ GRESCHAT, 2005, p. 155.

²⁸ GRESCHAT, 2005, p. 23-24.

outros cientistas, cujo olhar profissional está focado numa gama de aspectos e de assuntos relacionados ao seu campo de conhecimento, dentre os quais, a religião. Portanto, o objeto “religião” é analisado pelo cientista da religião como uma totalidade, mesmo que ele se dedique a pesquisas mais detalhadas. O objeto de estudo do cientista da religião são as crenças doutrinárias, hábitos, ritos, princípios éticos, visões de mundo que são compartilhadas por um conjunto de crentes os quais estão vinculados à mesma comunidade de fé.

A distinção realizada não impede a proximidade dos objetos de estudo e investigação, mas poderá, até mesmo, realizar parcerias proveitosas. A interdisciplinaridade, citada anteriormente, exemplifica e ilustra bem esse potencial de ciências distintas e afins em profícuo diálogo.

A formação, tanto do cientista da religião, quanto do teólogo, visa uma inserção no mundo de modo profissional, com suas exigências de aquisição das competências e habilidades próprias. Para tanto, ocorre haver a articulação interdisciplinar com as interfaces presentes nas distintas áreas das ciências humanas, de modo que tanto a Teologia quanto as Ciências da Religião protagonizem parcerias e interconexões viabilizadoras da integração entre teoria e prática.

Ademais, há que se considerar o potencial de ambas em fomentar um aprofundamento uma ética radicada no divino, mas comprometida e capaz de humanizar e promover uma consciência cidadã, comprometida em entender e atuar nas grandes questões contemporâneas, principalmente ligadas às questões existenciais, aos direitos humanos, ao meio ambiente, às questões étnico-racial, indígena e ao desenvolvimento sustentável.

Por fim, frise-se também as grandes possibilidades da temática do transcendente e da ética que lhes diz respeito em produzir conhecimento científico, de modo a colaborar de modo exitoso e proveitoso com outros saberes humanos. Há uma vasta seara de temas e desafios novos, possibilidades e limites que se insurgem em meio às mudanças rápidas, profundas da atualidade, com suas interpelações em prol de respostas atentas e condizentes, sem a presunção de que sejam definitivas e completas.

A invocação do sobrenatural é vivida por uma pessoa humana que interage com o divino, na condição de interlocutora. Seu entendimento e sua capacidade de se relacionar com este transcendente é de um ser biológico-psíquico-social-cultural e aberto à transcendência, um ser consciente no mundo, formando, com os outros, comunidades históricas de vida.

Tanto a Teologia e as Ciências da Religião não de aprofundar, cada uma a seu modo específico, do conhecimento das Tradições

religiosas, com seus textos, narrativas fundamentais, seu desenvolvimento histórico, no bojo dos vários credos, suas exigências éticas, expressões de culto, os quais foram alvo de reflexões aprofundadas, com suas hermenêuticas, correntes de pensamento, perspectivas; também os seus impactos das culturas e nas culturas. As várias experiências religiosas possuem uma ampla gama de elementos que muito interessam aos saberes humanos, nos tantos matizes associados ao “crer”, ao “viver”, e “comunicar” aos outros a própria crença e o *ethos* que dele provém.

Conforme Chagas e Assunção²⁹, há que existir conveniente uso dos instrumentos hermenêuticos das narrativas em prol de um adequado desenvolvimento da cientificidade com seu aparato crítico de modo a compreender a religião no seu contexto histórico e a facticidade do seu real existir. A interdisciplinaridade ocupa lugar imprescindível e destacado para tal escopo, a fim de que a aplicação e contextualização dos conhecimentos teológicos e científicos da religião viabilizem uma compreensão mais ampliada de sua importância na vida humana. Não há sentido uma ciência que se arvora dominar o conhecimento e se afirmar como porta-voz de certezas ao ponto de ensimesmar-se de modo autocentrado. Deduz-se que as tantas afinidades entre a Teologia e as Ciências da Religião abrem perspectivas inusitadas de colaboração. Luiz Carlos Susin afirma com muita propriedade a esse respeito:

[...] a franca e bem-sucedida relação com a teologia, e não só a distinção, é útil: sem precisar confundir-se com os que crêem, o cientista da religião tem justamente no teólogo um companheiro de trabalho e de fecundo intercâmbio, justo com este crente, que, por sua vez, está disposto a utilizar os instrumentos das ciências. Parece, porém, mais fácil um teólogo, membro de uma tradição religiosa e participante de uma experiência de fé, tornar-se também um cientista da religião, incorporando uma boa teologia, os métodos da ciência, do que um cientista da religião tornar-se um teólogo, ou seja,

²⁹ CHAGAS, A.M.; ASSUNÇÃO, R. A.d. Ser teólogo no Brasil: identidade, profissionalização, mercado. In: SILVA, F. A. C.; PACHECO, M. L. (Orgs.), *Filosofia, teologia, ensino, discurso: perspectivas* [recurso eletrônico], Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 33-34.

tornar-se participante da fé, exatamente aquilo que é objeto de seu estudo e conhecimento³⁰.

Para exemplificar a utilidade e validade desta parceria, Susin afirma que no Brasil, a única Sociedade de Teologia e Ciências da Religião “tem revelado sua verdade e utilidade há mais de vinte anos, com uma produção somente explicável pela colaboração”³¹. Essa reciprocidade de colaboração, longe de ser uma ameaça, desponta como uma riqueza oriunda dessa diversidade que detecta na religião, em sua expressão mais autêntica, os elementos de humanização capazes de construir uma civilização de paz e de progresso genuíno.

A ética profissional do teólogo e também do cientista da religião é particularmente exigente e os interpela ao engajamento participativo e criativo na construção da sociedade, perspectivando ajudá-la no salto de qualidade a ser dado para que se humanize e progrida de forma ética e não só materialmente falando. Para tanto, estes profissionais hão de oferecer uma substanciosa reflexão pessoal em parceria com a investigação dotada de profissionalismo científico e compromisso social, os quais hão de ser compartilhados com a comunidade acadêmica, com a sociedade em seus vários grupos e instâncias. Particularmente, as outras religiões poderão e deverão ser as interlocutoras privilegiadas deste agir consciente e comprometido com o bem comum, instância moral mais elevada, pois, como afirmava Bergson,³² a dimensão religiosa se situa no coração da existência: indagá-la é esforço de revelar o homem a si mesmo, na sua inexplorada e constitutiva verdade que o reporta ao divino.

Considerações Finais

As relações entre as Ciências da Religião e a Teologia, a que este artigo se propôs analisar, foram delineadas nas análises feitas. A intenção de trazer à baila a especificidade de cada ciência permitiu uma compreensão da identidade de cada uma delas. O diálogo não se efetiva satisfatoriamente sem uma definição clara do que se é e do que se pretende.

³⁰ USARKI, F. *Constituintes da Ciência da Religião*. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2019p. 126.

³¹ SUSIN, 2006, p. 560.

³² BERGSON, H. *Les deux sources de la morale et de la religion*. Paris: P.U.F., 1967, p. 233.

O caráter dialogal entre as ciências abordadas descortinou um horizonte mais vasto de compreensão da Religião, tanto no âmbito de uma fé professada, quanto no estudo do fenômeno do fato religioso. Percebeu-se mui notadamente o quanto a interdisciplinaridade permitiu esse diálogo que vai além de informações relevantes, mas que comporta uma interatividade efetiva onde a especificidade do credo religioso interage, também enquanto fenômeno, de forma produtiva e elucidativa com a realidade.

Viu-se que a transcendência típica da Religião nos permite investigar, nessa dúplici abordagem, o que há de mais nobre no humano que é sua capacidade de transcendência, com seu potencial de formular uma doutrina coerente, um culto que congrega e agrega, um corpo ético que liberta e humaniza. Constatou-se, outrossim, que indivíduos e grupos, sociedade e nações foram impactados e impactaram este ser religioso, capaz de viver a invocação, a partir dos rastros fornecidos pela insatisfação que o finito, o limitado, é capaz de suscitar no coração humano o qual é vocacionado ao infinito e ao além.

As fontes consultadas ofereceram um percurso plausível nesta busca, de modo que foi possível traçar os pontos que conectam a Religião a partir de uma Teologia com sua fé específica e as Ciências da Religião que investigam o empírico, o perceptível no transcendente substancializado na invocação, na celebração, nos princípios morais, no ser-crente-com-os-outros, em sua instância comunitária.

O escopo de lançar-se nesta investigação de identidades e ações efetivadas na pesquisa creio ter sido atingido. Há muito o que se buscar e descobrir desta rica temática que de grande proveito será para as ciências humanas que não podem deixar de envidar esforços em perquirir com acuidade quem é este *homo religiosus* permanentemente instigado pelo apelo e pela tarefa, tão inerentes ao seu ser-aberto-à-Transcendência.

Referências

BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Versão didática. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERGSON, H. *Les deux sources de la morale et de la religion*. Paris: P.U.F., 1967.

CAMURÇA, M. *Ciências Sociais e Ciências da Religião*. Polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

CHAGAS, A.M.; ASSUNÇÃO, R. A. Ser teólogo no Brasil: identidade, profissionalização, mercado. In: SILVA, F. A. C.;

PACHECO, M. L. (Orgs.), *Filosofia, teologia, ensino, discurso: perspectivas* [recurso eletrônico], Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 11-50.

DREHER, L. H. Ciência(s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, F. (Org.) *A(s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 151-179.

FIROLAMO, G.; PRANDI, C. *As ciências da religião*. São Paulo: Paulus, 1999.

FORTE, B. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. Introdução ao sentido e ao método da teologia como história. São Paulo: Paulinas, 1991.

GRESCHAT, H. J. *O que é Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2005.

GROPPO, G. *Teologia dell'educazione*. Origine, identità, compiti, Roma: LAS, 1991.

LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à Teologia*. Perfil, Enfoques, Tarefas, São Paulo: Loyola, 2014.

SEBOÛÉ, B. *Introdução à Teologia*. História e inteligência do dogma. São Paulo: Paulinas, 2020.

SUSIN, L. C. O estatuto epistemológico da teologia como ciência da fé e a sua responsabilidade pública no âmbito das ciências e da sociedade pluralista. *TeoComunicação*, v. 36, n. 153, p. 555-563, set. 2006.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acesso em 25/06/2022.

USARKI, F. *Constituintes da Ciência da Religião*. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2019.

WACH, J. E. A. F. Os ramos da Ciência da Religião. *REVER*, v. 18, p. 233-253, n. 2 mai/ago 2018.

WILGES, I. *Cultura Religiosa: as religiões no mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995.